

A pororoca

Existe um só problema Jader Barbalho, ou diversos? A segunda hipótese produz um cipoal de interesses e conveniências, de causas e conseqüências.

Por exemplo, não interessaria ao Palácio do Planalto que se andasse muito depressa na colheita de denúncias e provas contra o presidente do Senado e a fortaleza de poder — terras & dinheiro — que ele construiu no Pará. O colapso de Jader lançaria o PMDB nos braços da ala oposicionista, o que arruinaria a base governista no Congresso, prejudicando a tramitação de legislação vital para o país e fortalecendo a candidatura de Itamar Franco à Presidência.

Considerando-se, nessa ótica, que o interesse nacional exige reformas que dependem do Congresso, seria necessário que os governistas do Senado patrioticamente arrastassem os pés em face da ofensiva anti-Jader.

Esse comportamento não é inédito na história política recente do Brasil. Há numerosos casos do que se poderia chamar de uma ética de resultados. O que muita gente parece esquecer é que a longo prazo — ou antes — essa atitude se revela um tiro no pé, às vezes no peito.

Na verdade, o problema real é um só: existe um senador cuja ho-

nestidade está posta em questão por uma quantidade considerável de provas. Para único problema, solução única: investigação dura e ágil, dentro e fora do Congresso. Aceitando-se os fatos como são é impossível não sentir a força da pororoca de provas que tornam insustentável a posição do presidente do Senado. Mesmo com o Conselho de Ética entregue ao pragmatismo regionalista do amazonense Gilberto Mestrinho, o processo de depuração da

Casa é inevitável e urgente, como diz o ministro Marco Aurélio, presidente do Supremo Tribunal Federal.

Nessas horas, a maneira mais inteligente de fazer política não passa perto de arranjos e negociações. Consiste num comportamento ético límpido e insofismável, que a opinião pública não poderá senão aplaudir.

O exemplo recente que custou as cabeças de dois senadores foi bastante educativo. O próximo exemplo também precisa sê-lo. Depois do saneamento moral do partido e do Senado, o PMDB será diferente, a base política do governo também, assim como o destino da pauta legislativa. Tudo será como melhor puder ser. Mas o essencial terá sido feito: governo e Congresso terão feito seu dever e assim escapado de humilhante desmoralização.

O processo de
depuração da
Casa é
inevitável e
urgente
